



ENTREVISTAS

A FICÇÃO CIENTÍFICA, A URGÊNCIA CLIMÁTICA E A IMPORTÂNCIA DE DIÁLOGO ENTRE OS SABERES:

ENTREVISTA COM A ESCRITORA
E PESQUISADORA ANA RÜSCHE

SCIENCE FICTION, CLIMATE URGENCY AND THE
IMPORTANCE OF INTER-KNOWLEDGE DIALOGUE:

INTERVIEW WITH WRITER AND RESEARCHER ANA RÜSCHE

*Bruno Anselmi Matangrano*¹

1 Bruno Anselmi Matangrano é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente é Leitor de Língua Portuguesa na Escola Normal Superior de Lyon (ENS-LYON), França. Dedicou suas pesquisas às estéticas simbolista e decadentista, às vertentes do insólito ficcional e às representações de animais, plantas, monstros e seres fantásticos na literatura e no cinema a partir de uma abordagem ecocrítica e zoopoética. Tem diversos textos de ficção, traduções, paratextos e artigos publicados e é autor dos livros *Contos para uma noite fria* (2014), *Os Ebálidas de Pseudo-Outis* (2022) e *Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo* (2018), ensaio historiográfico escrito com Enéias Tavares. É membro e atual vice-líder do grupo de pesquisa do CNPq “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”, sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Brasil), além de também ser membro da rede de pesquisa internacional *LÉA – Lire en Europe Aujourd’hui*, sediada na Universidade do Minho, em Portugal, e do grupo de pesquisa do CNPq “Produções literárias e culturais para crianças e jovens III”, sediado na USP.

RESUMO: Este trabalho trata-se de uma entrevista com a escritora e pesquisadora Ana Rüsche, concedida ao pesquisador Bruno Anselmi Matangrano, sobre a ficção científica enquanto uma das categorias literárias que mais tem se ocupado de questões urgentes e presentes nos debates contemporâneos. Dando especial enfoque à representação da crise climática na literatura contemporânea e ao papel da ficção científica no diálogo e na difusão de outros saberes, Rüsche define em suas respostas, em uma abordagem transdisciplinar, conceitos como a própria “ficção científica”, a teoria “ecocrítica”, a categoria da “ficção climática” e sua relação com o conceito geológico e histórico de “antropoceno” e sua contraparte, o “capitaloceno”, ao mesmo tempo em que defende a autonomia e a importância da produção literária feita no sul global e, em particular, no Brasil, em uma perspectiva decolonial. Comenta ainda a relação entre seus estudos e sua própria ficção, demonstrando o diálogo tão pouco comentado nos meios acadêmicos, mas de suma importância, entre a escrita criativa e a pesquisa acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Científica; Ecocrítica; Sul Global; Antropoceno.

ABSTRACT: This paper brings an interview with Ana Rüsche, writer and researcher, by Bruno Anselmi Matangrano, regarding science fiction as one of the literary categories that has been debating pressing matters the most. Especially interested in the climate crisis representation in contemporary literature, as well as the role science fiction plays on the the propagation of other forms of knowledge, Rüsche defines, through a transdisciplinary approach, concepts such as science fiction itself, ecocriticism, climate fiction and its relation to the geological and historical concept of anthropocene, along with its counterpart, “capitalocene”. Rüsche also defends the autonomy and the importance of the literary production from the global South, particularly Brazil, through a decolonial perspective. She also comments on the relation between her studies and her fiction, a dialogue rarely explored in academia, despite its importance, between creative writing and academic research.

KEYWORDS: science fiction; ecocriticism; global south; anthropocene

INTRODUÇÃO

Ana Rüsche é poeta, escritora e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), onde atualmente faz pós-doutorado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. É também pesquisadora do grupo de pesquisa do CNPq “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”, sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seu último livro, a ficção científica *A Telepatia são os outros* (Editora Monomito, 2019), foi vencedor do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica de 2020, na categoria de Narrativa Longa de Ficção Científica, e finalista do Prêmio Jabuti do mesmo ano, na categoria Romance de Entretenimento. O livro acaba de ser publicado sob o nome *Telempatia* (2023), em tradução para o italiano de Gabriella Gorla, pela prestigiosa editora Future Fiction, especializada em literaturas de línguas menos traduzidas e em gêneros associados aos conceitos de ficção científica e ficção especulativa. Nos contos, destacam-se “Na era do fogo”, publicado no periódico *Suplemento de Pernambuco* (2019); “Mergulho no azul cintilante”, presente na edição comemorativa organizada por Enéias Tavares de *A máquina do tempo*, de H.G. Wells (Darkside, 2021); e *Maré viva*, publicado na antologia *Futuras — Cuentos de ciencia ficción ecofeminista*, organizada por Rodrigo Bastidas (Comfama, 2023). Rüsche organizou ainda as antologias: *Meteotopia — Futures of Climate (In)Justice*, em parceria com Bodhisattva Chattopadhyay e Francesco Verso, reunindo contos de autorias do Sul Global para tratar da crise climática, publicada em inglês e italiano pela iniciativa Co-Futures (Universidade de Oslo) e pela editora italiana FutureFiction, com distribuição eletrônica gratuita; e *Mundos paralelos: ficção científica* (Ed. Globo, 2023), com contos selecionados de autorias contemporâneas voltados ao público jovem.

No que diz respeito a seus estudos, desde o doutorado, Ana Rüsche centra suas pesquisas sobre a Ficção Científica em seu sentido mais amplo, incluindo outras categorias como as distopias, as utopias, o *space opera*, dentre outras, e em particular, centrando-se sobre obras de autoria feminina, tendo vasta produção sobre escritoras estrangeiras como Ursula Le Guin e Margaret Atwood, e brasileiras como Dinah Silveira de Queiroz e Aline Valek, dentre outras. Seu projeto de pesquisa atual discute

a relação entre literatura e mudanças climáticas, através de um olhar ecocrítico que leva em conta as perspectivas do antropoceno e das teorias decoloniais, a partir de um corpus variado lido por um viés comparatista, com obras escritas em português, espanhol, inglês e alemão. Este, aliás, é também o tema de vários de seus cursos, ofertados para o público universitário e para interessados em geral, por meio do Projeto Filamentos, em parceria com a editora Bandeirola, no qual cruza conhecimentos literários e saberes científicos numa abordagem transdisciplinar que evidencia a literatura e a ficção científica, em especial, como lugar privilegiado de encontro e de diálogo.

1. Tendo em vista seu percurso acadêmico e literário, é possível dizer que seus estudos dialogam com sua produção ficcional e ambos revelam particular sintonia com problemáticas da sociedade contemporânea, demonstrando as potencialidades da literatura para discuti-las. Antes, porém, de adentrarmos para as especificidades de suas publicações mais recentes, críticas e teóricas, e levando-se em conta a multiplicidade de definições apresentadas pela crítica, que nem sempre entra em consenso, gostaria que nos dissesse o que você entende por ficção científica em seus trabalhos acadêmicos e como acha que a escolha por essa categoria impacta sua produção ficcional.

Agradeço a pergunta, um excelente começo de conversa. Ao longo dos anos, desenvolvi a seguinte ideia: *a ficção científica ocorre quando a literatura medita sobre a ciência*. Essa definição, bastante ampla, nos ajuda a driblar um dos problemas clássicos ao circunscrever a ficção científica (FC): seria necessária uma aplicação do discurso científico oficial para a composição do texto? Acredito que não, o caráter ficcional e até especulativo sobre os limites da ciência e seus próximos sonhos são muitos relevantes à FC, tanto que muitas vezes é referida como “literatura de antecipação” ou até mesmo “especulativa”, justamente por esse caráter, a partir do qual a literatura atuaria como uma fabulação moral sobre questões éticas e sociais.

Uma definição consolidada é a de Darko Suvin — que reforça a necessidade de irromper-se um *novum* (entendido como uma inovação tecnológica de forma ampla), dentro de uma forma literária que apresente um estranhamento cognitivo e que mantenha suas raízes na cultura popular, como aborda no clássico *Metamorphoses of Science Fiction* (1979). O caráter popular termina muitas vezes esquecido em citações dessa definição, talvez a mais usada academicamente. Ao definirmos ficção científica, é comum as pessoas buscarem uma origem “nobre” — retrocedendo a Johannes Kepler ou a Cyrano de Bergerac, a uma espécie literária que se inicia com as revistas baratas, com papel quebradiço, vendidas em bancas de jornal para a massa trabalhadora, ao lado de cigarros e goma de mascar em estações de trem. Mark Bould e Sherryl Vint marcam o início da FC a partir da Era *Pulp* e eu não poderia concordar mais, pois somente com as mudanças tecnológicas cada vez mais velozes e com a alfabetização em massa do final do século XIX nos Estados Unidos e Inglaterra (BOULD, VINT, 2011, p.2) é que essa espécie de literatura vai receber um nome aceito pelo tripé de editores, leitores e escritores. Gosto muito dessa abordagem, mais contemporânea e próxima ao que observamos historicamente. Claro que esse marco não colocará *Frankenstein*, de Mary Shelley, como “obra inicial” da FC (categorização de Brian Aldiss proposta em 1973), e também excluirá Jules Verne e H.G. Wells desse marco inicial — embora essa teoria possa desapontar algumas pessoas, me parece a mais acertada para analisar o fenômeno do surgimento.

Para finalizar, outra pergunta comum: o que se considera “ciência”? Longe de laboratórios de luzes brancas assépticas, saberes tradicionais seriam incluídos? Escrevendo do Sul Global, me parece que sim. Como escritora, no *A telepatia são os outros* (Monomito, 2019), procurei apontar essas tensões ao tematizar a apropriação de um saber tradicional por uma farmacêutica.

2. Tendo em vista essa resposta, fica claro que você não apenas considera a ficção científica de forma abrangente, em um sentido “genéri-

co”, e, ao mesmo tempo, restrita, no sentido em que a circunscreve a partir de datas e publicações precisas, mas também valoriza o papel da própria noção de “ciência” - igualmente entendida de forma a um só tempo “geral” e “restrita” - na concepção dessa categoria literária. Você poderia então nos dizer como você incorpora justamente esses “saberes”, tradicionais ou não, em suas obras de ficção e em que medida os considera na análise de outras obras enquanto pesquisadora? Pergunto, especificamente sobre o caso de *A telepatia são os outros*, mas não apenas. Além disso, se pensarmos em um nome como o de Isaac Asimov, considerado por muitos como um dos mais importantes nomes associados à FC, que além de escritor, também tinha formação em bioquímica, você acha que o conhecimento aprofundado de determinado saber científico é importante na escrita de FC? Mais do que importante, é necessário? Como o escritor ou escritora devem se valer, na sua opinião desses “saberes” e, em contrapartida, em que medida o crítico ou a crítica também precisam conhecê-los para desenvolverem uma abordagem analítica efetiva a esse tipo de texto?

A experiência de escrita da ficção científica ganha muita profundidade quando esmiúça algum campo de conhecimento — seja de saberes já em domínio geral ou a partir de extrapolações. Se não é um traço fundamental desse tipo de literatura, é um traço marcante. Esse esmiuçar nem sempre é feito com um intuito didático, popularizando descobertas científicas, embora isso tenha acontecido em alguns casos (produzindo uma obra que irá ser referência à FC, Jules Verne, por exemplo, acreditava nessa possibilidade da literatura difundir descobertas tecnológicas), mas é usado para se construir um mundo imaginário. Em *Aniquilação*, livro da trilogia do *Comando Sul*, de Jeff VanderMeer (2014), os nomes de pássaros, de flores, de árvores, de animais, com suas especificações, contribuem muito para criar algo que a biologia justamente não explica.

A graça desse procedimento é que a ficção científica também conse-

guiu nomear e imaginar fenômenos antes de cientistas — um caso famoso do Isaac Asimov é a invenção da ciência robótica, que hoje existe mesmo (o termo “robô” fora utilizado inicialmente na peça R.U.R., de Karel Capek, 1920), assim, esse fabular tendo um pé no discurso científico auxilia muito, inclusive para dar consistência ao narrado. Recomendaria, para quem gosta de escrever FC, acompanhar as áreas da ciência que gosta, como astronomia, geologia, biologia, entre outras, incluindo as ciências humanas — Ursula Le Guin, por exemplo, usou largamente a linguística e a ciência política em *Os despossuídos* (1974). Ainda temos o caso de cientistas, como a linguista Suzette Haden Elgin, que cria uma obra literária com base em suas pesquisas, a exemplo de *Língua nativa* (1984).

No caso de *A telepatia são os outros*, usei meu conhecimento sobre produção artesanal de cerveja para criar um processo de fermentação fictício que fosse compatível com o existente no mundo real. Assim como casos jurídicos que discutem o direito de patente diante de conhecimentos tradicionais, privando quem detém esse conhecimento de usá-lo. No conto “Na era do fogo”, esse uso foi muito bonito: a partir de uma iniciativa do Instituto Serrapilheira e do *Suplemento de Pernambuco*, fui convidada a produzir uma peça de ficção baseada na pesquisa da geóloga Adriana Alves, sobre efeitos de erupções vulcânicas brasileiras no Cretáceo, assemelhados “a um evento notável de extinção de espécies por atividade vulcânica na Sibéria, no qual acredita-se que 90% das espécies então existentes foram dizimadas” (segundo reportagem de João Cortese, 2018). Minha hipótese ficcional, e se isso ocorresse agora? Assim, tive a rara oportunidade de diálogo direto com a pesquisadora sobre a plausibilidade do que estava criando.

O conto “Mergulho do azul cintilante”, a respeito de viagem no tempo para uma antologia comemorativa ao *A máquina do tempo*, de H.G. Wells, foi produzido após um bate-papo com o físico teórico Pedro Vieira, promovido pelo ICTP-SAI FR (International Centre for Theoretical Physics - South

American Institute for Fundamental Research, centro associado à Unesp), um pesquisador premiado sobre as teorias quânticas de campos, buscando “unir aspectos da Teoria da Relatividade Restrita com a Física Quântica” (segundo perfil redigido por Adrianna Virmond, 2019). Neste evento, ao escutar o Pedro, entendi que não faria sentido o “retorno” na viagem ao tempo. Assim, inseri esse traço como estruturante na narrativa. Parecem detalhes, mas essa apropriação do discurso de outras ciências ajuda a ancorar o mundo fictício, considerando que já exigimos de quem lê nos acompanhar em uma criação tecnológica a partir da ideia de estranhamento.

3. Ainda retomando sua primeira resposta, você mencionou a perspectiva diferenciada de ciência enquanto alguém que escreve a partir do sul global, você poderia falar mais a respeito disso. Em que medida considera que o local de produção de uma obra altera, não apenas seu conteúdo, referências e temas, mas também a própria definição de conceitos tão estabelecidos como “ciência”? Nesse sentido e considerando, como eu havia dito, o fato de a FC tradicionalmente “refletir” em seu duplo sentido, propondo uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que se revela uma espécie de espelho dessa mesma sociedade, para você, quais seriam as principais particularidades desta ficção científica pensada e escrita a partir de uma perspectiva do sul global, e, em particular, do Brasil?

Sendo a produção tecnológica uma atividade de produção de valor no capitalismo contemporâneo, é evidente que a concentração de ações de pesquisa científica esteja no hemisfério Norte, inclusive, observamos o fenômeno da “migração de cérebros”, com a ida de cientistas de países menos favorecidos para tentar a sorte em conglomerados em países abastados. Ao mesmo tempo, a criatividade sempre se faz presente em locais de penúria, afinal, a invenção e a necessidade andam juntas.

Dessa forma, a precariedade aparece como um traço inventivo e até euforizado em algumas produções do Sul Global, sendo bastante comum o elogio ao puxadinho e à gambiarra como formas de superar, com inteligência, a penúria de situações em diversos países (inclusive, o humor muitas vezes se faz presente para temperar essa contradição). As narrativas mais interessantes, ao meu ver, inserem uma nota crítica nessa posição: em *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão (1981), há um desfile dessas invenções para driblar a falta de água, nem sempre de forma muito ética, assim, nunca se sabe se a água reaproveitada da urina seria pura ou contaminada. No livro *As águas-vivas não sabem de si*, de Aline Valek (2016), a profissão da protagonista é meramente testar trajes para mergulho em profundidade abissal, colocando-se em risco diante de uma tecnologia que já recebe pronta.

Outro ponto interessante é como autorias refletem sobre as heranças coloniais, por exemplo, em contos na antologia *Meteotopia — Futures of Climate (In)Justice*, com autorias do Sul Global, que organizei com Bodhisattva Chattopadhyay e Francesco Verso. Muitas vezes, há um resgate e reorganização, mesmo que imaginária, de sabedorias ancestrais projetadas num futuro, como a nigeriana Chinelo Onwalu faz em *Letters to my Mother* (“Cartas a minha mãe”, em tradução livre). Em uma antologia muito interessante, *Futuras — contos ecofeministas de autoras da América Latina*, organizada por Rodrigo Bastidas (2023), publiquei um conto com título “Maré viva” e a história gira em torno da possibilidade de uma robô conseguir se lembrar do passado e nunca se sabe muito bem se as memórias foram apagados para encobrir violências terríveis que praticou e foi vítima de um apagamento — talvez essa ambivalência possa dar conta de representar algumas angústias diante de uma história tão violenta no passado colonial, uma marca também dessa produção, principalmente contemporânea.

4. Pelo que você apresenta, fica ainda mais evidente a já comentada presença de nítido engajamento por causas políticas, econômicas,

antropológicas e sociais em grande parte da produção de ficção científica - tanto a internacional, como no caso de Ursula Le Guin, quanto nacional, como a produção de Ignácio de Loyola Brandão. Essa questão parece ainda mais manifesta - e “urgente” - em obras, cada vez mais frequentes, relacionadas a temas como mudanças climáticas, extinção de espécies, penúria de água ou busca por energias renováveis, isto é, obras que se dedicam de maneira consciente e politizada a temas associados à ecologia e, portanto, passíveis de serem analisados por uma abordagem ecocrítica e eco-poética. Você poderia nos falar a respeito dessa tendência tão contemporânea, apresentando um pouco de sua pesquisa de pós-doutorado?

Estudei utopias e distopias durante o doutorado, tendo como campo de provas a questão do feminismo. Aos poucos, comecei a me interessar muito sobre ecologia, e confesso que achei que deveria cursar Biologia ou mesmo Meteorologia para conseguir colaborar com este tema tão urgente: a crise climática. Com o passar do tempo, fui entendendo que todas as ciências desempenham seus papéis, pois a crise é enorme e atinge diferentes campos do conhecimento — economistas, juristas, profissionais da educação, todas as pessoas, incluindo quem trabalha na agricultura, gastronomia, programação e saneamento básico, entre outras, possuem seu papel. A literatura não foge à regra e pode colaborar muitíssimo para lidarmos com esta crise mundial sem precedentes.

Primeiro, a literatura oferece um campo de prova imaginário para refletirmos sobre aspectos diferentes do fenômeno do Antropoceno, esta nova e estranha época. Representar a extensão, dar escala ao que está acontecendo. Há uma apatia imensa nos setores progressistas sobre o tema, como se pudessemos refugiar de algo dessa magnitude — particularmente considero a apatia uma outra forma de manifestação do negacionismo virulento, assim, apresentar um imaginário é essencial para dar concretude a alguns diálogos. Em segundo, a literatura fornece perguntas úteis para refletirmos sobre

ações comunitárias possíveis — Donna Haraway alude ao “pensar devemos” (2022), formulação de Isabelle Stenger e Vinciane Despret (2014), a partir do “*Think We Must*”, de Virginia Woolf, nutrindo um senso de responsabilidade diante da catástrofe.

O pensamento catastrófico tende a nos paralisar e retirar nossa agência sobre esse fenômeno avassalador, cumprindo a profecia autorrealizada do apocalipse. Entretanto, é justamente o oposto do que precisaríamos agora: compreendermos de forma diferente nosso habitar do planeta; questionar a ideia de progresso, as nossas relações com animais e com outros seres vivos; valorizar os laços comunitários, entre outras muitas ideias. “Pensar devemos”. A literatura, com sua ambiguidade, com sua estranheza, permite nos aproximar deste fenômeno, o impensável. E a ficção científica, com sua vontade de meditar sobre a ciência, pode ser uma espécie literária muito capaz para lidar com esses desafios do imaginário.

Na minha pesquisa atual, decidi investigar obras contemporâneas que retratam o tema do ecocídio em paisagens distintas, do Brasil ao Caribe, de florestas aos oceanos: *Floresta é o nome do mundo*, da estadunidense Ursula K. Le Guin (1972); o já citado clássico distópico *Não verás país nenhum*, do brasileiro Ignácio de Loyola Brandão (1981); *O cardume*, do alemão Frank Schätzing (2004); e *La mucama de Omicunlé*, da dominicana Rita Indiana (2015). Na teoria, lanço mão do acúmulo das ideias de Bruno Latour sobre a existência do “Novo Regime Climático” (2020); do conceito de Donna Haraway, resumido em uma capciosa palavra-valise, “*response-ability*”, um convite para tomarmos responsabilidade e cultivarmos capacidades de resposta (2022); de questionar significados de “Natureza”, a partir das propostas de Timothy Morton (2022); das análises de Malcom Ferdinand sobre representações artísticas de fenômenos naturais, dentro da história colonial (2022); e dos ensinamentos de Ailton Krenak a respeito de habitar o planeta (2020) e de Maria Esther Maciel a respeito de animais (2023), entre outras autorias (2023).

5. Sua pesquisa é fascinante, Ana! Considero particularmente interessante o fato de você criar essa quadriangulação entre dois países do norte global e dois países do sul global, através de quatro idiomas diferentes e com autorias masculinas e femininas. Pensando nessas quatro obras, especificamente, você poderia comentar o que vê de particular e o que percebe de distintivo na forma como cada uma delas trata literariamente a representação de desastres ambientais? Afinal, os problemas ambientais não se manifestam de forma equilibrada e uniforme ao redor do globo e tampouco os recursos de cada país para combatê-los podem ser equiparados, de modo que imagino haver diferentes tratamentos e proposições para essas problemas e seria interessante entender como essas singularidades se manifestam em seus objetos de análise e como você as interpreta.

Cada região do globo pede uma resposta específica. Talvez isso que pode parecer cansativo numa visão capitalista (afinal, queremos a fórmula mágica universal, para transformar todas as paisagens em uniformes, iguais às praças de alimentação de shoppings ao redor do planeta), é perfeitamente lógico se pararmos para analisar que biomas e territórios diferentes são regidos por percepções locais e bem pouco uniformes. Cada lugar tem sua história. Dessa forma, ao escolher as obras, pensei um pouco nessas ideias.

Em comum, as obras aprofundam-se nos territórios escolhidos, extrapolando imaginariamente esses locais: a obra de Le Guin apresenta uma floresta tropical em outro planeta (trata-se de uma crítica bastante direta à Guerra do Vietnã, como explica Fredric Jameson em *Arqueologias do futuro*, 2021); Brandão, uma cidade de São Paulo destruída pelo militarismo e poluição, com uma seca onipresente e uma multidão de pessoas empobrecidas pela questão climática, social e política; Schätzing, o oceano, palco da vingança de seres marítimos, que adquirem uma inteligência inédita e passam a contra-atacar a humanidade; Indiana, o litoral caribenho, com camadas de história condensadas, sugerindo uma amarração da pirataria à destruição

ambiental contemporânea. Em comum, a profundidade em mostrar interrelação entre a humanidade e outros seres, incluindo plantas, rios e minerais, sugerindo a vulnerabilidade de nossa própria espécie.

Também reconhecem a primazia de povos originários em entender o que designamos de “natureza”, não voltando a um passado mítico, e sim, apontando novas formas de viver, geralmente em uma crítica ao ideal de progresso dentro dos moldes capitalistas. Assim, mesmo que possamos estar diante da distopia de *Não verás país nenhum*, há mostras (ao menos imaginárias) que existem outros caminhos de habitar o planeta que não caminhem por essa rua de mão única destrutiva. Outro ponto comum nessas quatro narrativas é como o autoritarismo e a corrupção geralmente autorizam condutas que não seriam permitidas de outra maneira — há uma recorrência do uso criminoso da força para descumprimento de preceitos legais nesses universos, algo que podemos assistir durante o sombrio governo que antecede o atual.

6. Para finalizar, Ana, seria bastante interessante se pudéssemos refletir um pouco sobre esse vocabulário específico que norteia as pesquisas em torno da relação entre literatura e questões ecológicas. Abrimos com uma pergunta sobre definições, fecharemos assim também. Afinal, quando nomeamos algo, seja um ser, seja um conceito, passamos não apenas a compreendê-lo, mas também a confirmar sua existência. Algo nomeado é algo que podemos entender. Para começar, gostaria de falar sobre a própria teoria “ecocrítica”. Você poderia defini-la brevemente, dizendo como ela se aplica e em que medida se torna útil como ferramenta para a análise da ficção científica, em particular? Em seguida, seria interessante termos uma definição do termo onipresente nos debates sobre a urgência climática: o antropoceno, bem como o conceito derivado de “capitaloceno”, que surge para criticá-lo e contrapô-lo. Por fim, refletindo sobre seu corpus de pesquisa não posso deixar de pensar no conceito de “Ficção Climática”, por vezes defendido como um gênero autônomo, por vezes como um subgê-

nero ou subcategoria da própria ficção científica, ou simplesmente como uma temática recorrente em produções contemporâneas de FC, embora você não o tenha citado explicitamente em nossa conversa. Você chega a se valer desse conceito? Em suma, como você entende cada um desses quatro conceitos e em que medida essa nova nomenclatura lança luzes a esses debates tão importantes quanto angustiantes? Desde já agradeço pelas excelentes e completas respostas, foi um prazer conversar com você!

Poderia definir ecocrítica como uma perspectiva de análise literária que valorize a representação de questões ecológicas — inclusive, até seguindo um princípio filosófico, não descartando o acúmulo de conhecimento prévio acumulado pela crítica. Não seria mostrar que há uma “superação” da crítica anterior, mas revelar uma camada oculta adicional, geralmente menos presente nas análises, a partir do olhar ecológico.

O crítico inglês Greg Garrard, em seu livro *Ecocrítica* (2006), vai se referir ao trabalho de Cheryll Glotfelty, *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*, de 1996 e de Richard Kerridge, *Writing the Environment: Ecocriticism and Literature*, de 1998, para estabelecer suas bases teóricas, embora não haja um marco exato para inaugurar essa perspectiva, considerando que muitos estudos prévios, por exemplo, sobre a obra dos poetas românticos Samuel Coleridge e William Wordsworth já destacavam a perspectiva ecológica. Uma hipótese de Garrard é que a irrupção causada pelo livro de não ficção *Primavera silenciosa*, da bióloga Rachel Carson (1962), uma denúncia sobre o uso imoderado de DDT (silenciosa, pois não se ouvia os pássaros), considerado um marco inicial aos movimentos ecologistas contemporâneos nos EUA, espalhando a urgência não só na maneira pela qual a literatura futura se portaria, mas também como enxergamos a literatura do passado — à essa recuperação da obra de Rachel Carson, adiciono também o uso de napalm na Guerra do Vietnã, principalmente entre 1963 a 1973, tanto por seu potencial letal quanto pelo fator psicológico, bombas

incendiárias que aniquilavam florestas e faziam a superfície da água ferver, fatos que mudariam os rumos da opinião pública sobre meio ambiente especialmente no mundo anglófono. Garrard frisa que a ecocrítica seria “uma modalidade de análise confessadamente política” (GARRARD, 2006, p. 14).

A institucionalização deste olhar passou, por exemplo, pela constituição da Associação para o Estudo de Literatura e do Meio Ambiente (ASLE), nos EUA, entre outras iniciativas acadêmicas. Como teoria crítica, é muito útil para examinar a ficção científica de cunho ecológico, pois podemos nos deter em detalhes que passariam despercebidos em outras análises. O romance *Não verás país nenhum*, por exemplo, já foi analisado com diferentes ênfases: como um símbolo da redemocratização, como uma crítica a governos autoritários, agora, minha ênfase é no retrato da questão ambiental, mas levando em conta o acúmulo crítico anterior — produzi uma matéria de capa ao Suplemento de Pernambuco com esse tipo de chave analítica (2021).

O termo “Antropoceno” é uma conquista de diferentes áreas da ciência, pois designa uma nova época geológica, na qual a ação humana impacta a vida no planeta (a palavra “época” é um termo técnico para a marcação cronológica advinda da Geologia). Esse reconhecimento aponta um consenso científico, uma superação de argumentos falaciosos sobre a inexistência da crise do clima. O termo foi cunhado por Eugene Stoermer e Paul Crutzen na edição de maio da *newsletter* Global Change Newsletter em 2000. Paul Crutzen, já tendo sido laureado pelo Prêmio Nobel, ajudou na consolidação do nome, embora diferentes correntes da Geologia, inclusive no Brasil, apontassem para essa ideia antes (vide OLIVEIRA e PELOGGIA, 2005), sendo o mérito de Crutzen difundir e consolidar o entendimento.

Entretanto, lido à contra-pelo, o termo “Antropoceno” recai em um problema semântico: significa, ao pé da letra, a “época do Humano”, terminando por glorificar a própria humanidade, criticado nas palavras da crítica Eileen Crist: “o discurso do Antropoceno mostra um autorretrato prometeico” (CRIST, 2022, p. 38). Assim, há várias nomenclaturas críticas para designar

essa nova e estranha época. Exemplo é o termo “Capitaloceno”, atribuído à Andreas Malm e divulgado pelo historiador e geógrafo Jason Moore e pelo escritor britânico China Miéville, apontado dinâmicas históricas e opressões econômicas — ao escrever sobre *Floresta é o nome do mundo*, de Ursula Le Guin, para a antologia *Depois do fim* (org. Fabiane Secches), optei por usar esse termo no título do ensaio, já que o livro teria “Antropoceno” na capa (2022, p. 40). Mas há muitas outras designações críticas — “Plantationceno”, utilizada por Anna Tsing, Donna Haraway, Karen Shiratori, entre outros nomes; “Chthuluceno”, de Donna Haraway, etc. Diria que existe uma proposta a cada autoria que investiga o assunto. Assim, qual seria a sua?

Por fim, o termo “ficção climática”. Ainda é uma construção recente, assim, deixo somente uma sugestão. Mas creio ser uma espécie de ficção, com três características. A primeira, a mudança do clima está representada no cerne da narrativa, atuando diretamente na construção do enredo e das personagens. A segunda característica retiro de uma ideia do crítico brasileiro George Amaral: conter um estranhamento ou desfamiliarização com a noção tradicional de progresso e da suposta separação entre homem e Natureza (2023, p. 98). A terceira, apresentar, mesmo que de relance, a discussão científica com certo embasamento teórico, sem segurar a extrapolação e a ambiguidade, dois traços necessários à literatura e à imaginação. Dessa forma, exemplos de ficções climáticas poderiam ser as obras de Kim Stanley Robinson, como *The Ministry for the Future* (2020), e as já citadas *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão (1981) e o conto “*Letters to My Mother*”, de Chinelo Onwalu, além da excepcional novela de Daniel Galera, “Bugônia”, (2021). Apesar do prognóstico sombrio da crise climática, acredito que ainda leremos obras muito interessantes sobre isso tudo, realizando uma bela e antiga função da literatura: a capacidade de criar mundos e nos deixar somente com perguntas.

REFERÊNCIAS

OBRAS LITERÁRIAS

- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Não verás país nenhum. Rio de Janeiro: Global, 2019.
- ELGIN, Suzette Haden. Língua nativa. Trad. Jana Bianchi. São Paulo: Aleph, 2023.
- GALERA, Daniel. “Bugônia”. *In*: O deus das avencas. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- INDIANA, Rita. La mucama de Omicunlé. Cáceres: Periférica, 2020.
- LE GUIN, Ursula. Os despossuídos. Trad. Susana de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2019.
- ONWALU, Chinelo. Letters to my mother. *In*: CHATTOPADHYAY, Bodhisattva, RÜSCHE, Ana, VERSO, Francesco (org). Meteotopia — Futures of Climate (In)Justice. Oslo e Roma: Universidade de Oslo e FutureFiction, 2022. <https://fiction.cofutures.org>.
- ROBINSON, Kim Stanley. The Ministry for the Future. Londres: Orbit, 2020.
- SCHÄTZING, Frank. O cardume. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VALEK, Aline. As águas-vivas não sabem de si. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- VANDERMEER, Jeff. Aniquilação. Trad. Bráulio Tavares. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

CRÍTICA

- ALDISS, Brian. Billion Year Spree: The History of Science Fiction. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1973.
- AMARAL, George. Um estranho tão familiar: Teorias e reflexões sobre estranhamento na ficção. São Paulo: Bandeirola, 2023.
- BOULD, Mark; Vint, Sherryl. The Routledge Concise History of Science Fiction. Nova York: Routledge, 2011.
- CARSON, Rachel. Primavera silenciosa. Trad. Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Gaia, 2010.
- CORTESE, João. Uma longa história do planeta Terra, ou: quando as pedras falam.

São Paulo: Estado da Arte, Estadão e Instituto Serrapilheira, 09/08/2018, <https://serrapilheira.org/uma-longa-historia-do-planeta-terra-ou-quando-as-pedras-falam/>

CRIST, Eileen. A pobreza da nossa nomenclatura. *In*: MOORE, Jason (org.). Antropoceno ou Capitaloceno? Trad. Antônio Xerxerersky e Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, 2022, p. 34-65.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenhinho. Trad. Letícia Mei. São Paulo: Ubu, 2022.

GARRARD, Greg. Ecocrítica. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UnB, 2006.

GLASSY, Mark. The Biology of Science Fiction Cinema. Jefferson, McFarland, 2006.

HARAWAY, Donna. Quando as espécies se encontram. Trad. Juliana Fausto. São Paulo: Ubu, 2022.

JAMESON, Fredric. Arqueologias do futuro: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. Trad. Maryalua Meyer. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades, 2020.

MARCIEL, Maria Esther. Animalidades: Zooliteratura e os Limites do Humano. São Paulo: Instante, 2023.

MORTON, Timothy. O pensamento ecológico. Trad. Renato Prelorenzou. São Paulo: Quina, 2023.

OLIVEIRA, Antônio Manoel dos Santos e PELOGGIA, Alex Ubiratan Goossens. "Tecnógeno: um novo campo de estudos das geociências." *In*: Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário. Vol. 10. 2005, http://abequa.org.br/trabalhos/0268_tecnogeno.pdf.

STENGER, Isabelle, DESPRET, Vinciane. Women Who Make a Fuss. Trad. April Knutson, Minneapolis: Universal Publishing, 2014.

SUVIN, Darko. Metamorphoses of Science Fiction. Londres: Yale University Press, 1979.

VIRMOND, Adrianna. Conheça Pedro Vieira, destaque mundial na Física Teórica. São

Paulo: Portal de Notícias da Unesp, 24/10/2019, <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35174/conheca-pedro-vieira-destaque-mundial-na-fisica-teorica>.

PRODUÇÕES DE ANA RÜSCHE

Ficção

RÜSCHE, Ana. A telepatia são os outros. São Paulo: Monomito, 2019.

RÜSCHE, Ana. Marea viva. Trad. Diego Cepeda. In: BASTIDAS, Rodrigo (org.) Futuras — Cuentos de ciencia ficción ecofeminista. Coleção Palabras Rodantes, volume 146. Medellín: Metrô de Medellín e Comfama, 2023. Disponível em: https://comfama.primo.exlibrisgroup.com/discovery/delivery/57COMFAMA_INST:-57COMFAMA/1255546030004421

RÜSCHE, Ana. Mergulho no azul cintilante. In: TAVARES, Enéias (org.), A máquina do tempo. São Paulo: DarkSide, 2021, p. 174-187.

RÜSCHE, Ana. Na era do fogo. In: Suplemento de Pernambuco, Recife, ed. 77, setembro de 2019. Disponível em <https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/2541-na-era-do-fogo.html>

Não-Ficção

LOUSA, Pilar Lago; RÜSCHE, Ana. Na máquina do tempo de papel: Comba Malina e a importância da ficção científica de Dinah Silveira de Queiroz. Abusões, v. 11, p. 10-41, 2020.

RÜSCHE, Ana; CHATTOPADHYAY, Bodhisattva; VERSO, Francesco. Futures of Climate (In)justice: Introduction. In: CHATTOPADHYAY, Bodhisattva; RÜSCHE, Ana; VERSO, Francesco (org.). Meteotopia: Futures of Climate (In)justice. Oslo/Roma: CoFutures/FutureFiction, 2022, p. 9-12.

RÜSCHE, Ana; FURLANETTO, Elton. Cultura e política nos anos 2010: anseios e impasses na ficção científica de Aline Valek e Lady Sybylla. Abusões, v. 7, p. 253-291, 2018.

RÜSCHE, Ana. Arqueologias do futuro: comentário sobre o livro recém-editado de

Fredric Jameson. A Terra é Redonda, Brasil, 16 fev. 2022. <https://aterraeredonda.com.br/arqueologias-do-futuro>

RÜSCHE, Ana. Floresta é o nome do mundo: Capitaloceno e resistência na obra de Ursula K. Le Guin. *In*: SECCHES, Fabiane (org.). Depois do Fim: Ensaios sobre Literatura e Antropoceno. São Paulo: Instante, 2022, p. 40-49.

RÜSCHE, Ana. Margaret Atwood: de quanto o real supera a ficção. Suplemento Pernambuco, Recife, ed. 142, p. 12-17, dez. 2017. <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/77-capa/2002-margaret-atwood-de-quanto-o-real-supera-a-fic%C3%A7%C3%A3o.html>.

RÜSCHE, Ana. Utopia, feminismo e resignação em *The left hand of darkness* e *The handmaid's tale*. Tese para obtenção do título de Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Universidade de São Paulo, 2015.

RÜSCHE, Ana. 'Não verás país nenhum': o gosto do deserto do real. Suplemento de Pernambuco, Recife, p. 11 - 13, 04 nov. 2021. <https://suplementopernambuco.com.br/capa/2783-n%C3%A3o-ver%C3%A1s-pa%C3%ADs-nenhum-o-gosto-do-deserto-do-real.html>